

Secretaria de Estado de Educação do Estado de Minas Gerais

SEE-MG

Professor de Educação Básica – PEB – Nível I Grau A - Sociologia

Edital SEE Nº. 07/2017, de 27 de dezembro de 2017

DZ154-2017

DADOS DA OBRA

Título da obra: Secretaria de Estado de Educação do Estado de Minas Gerais - SEE-MG

Cargo: Professor de Educação Básica – PEB – Nível I Grau A - Sociologia

(Baseado no Edital SEE Nº. 07/2017, de 27 de dezembro de 2017)

- Conhecimentos Específicos

Autora

Silvana Guimarães

Gestão de Conteúdos

Emanuela Amaral de Souza

Diagramação

Elaine Cristina

Igor de Oliveira

Camila Lopes

Produção Editorial

Suelen Domenica Pereira

Capa

Joel Ferreira dos Santos

Editoração Eletrônica

Marlene Moreno

SUMÁRIO

Conhecimentos Específicos

I - As ciências sociais: senso comum e ciência, o objeto de estudo da sociologia, a divisão entre as ciências sociais.....	04
II - Indivíduo e sociedade: padrões de comportamento social.....	18
III - Tecnologia, trabalho e mudança social.....	25
IV - Papel, status, habitus.....	33
V - Identidade e estrutura social.....	40
VI - Estrutura, ação e racionalidade.....	48
VII - Classe, estamento, poder e dominação.....	50
VIII - Modernidade e mudança social.....	57
IX - Sociologia e Juventude.....	77
X - Educação, escola e transformação social.....	89
XI - Movimentos Sociais.....	106
XII - Cidadania, política e Estado.....	109

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Básica – PEB – Nível I Grau A - Sociologia

I - As ciências sociais: senso comum e ciência, o objeto de estudo da sociologia, a divisão entre as ciências sociais.....	04
II - Indivíduo e sociedade: padrões de comportamento social.....	18
III - Tecnologia, trabalho e mudança social.....	25
IV - Papel, status, habitus.	33
V - Identidade e estrutura social.	40
VI - Estrutura, ação e racionalidade.....	48
VII - Classe, estamento, poder e dominação.	50
VIII - Modernidade e mudança social.....	57
IX - Sociologia e Juventude.	77
X - Educação, escola e transformação social.	89
XI - Movimentos Sociais.....	106
XII - Cidadania, política e Estado.....	109

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Básica – PEB – Nível I Grau A - Sociologia

PROF. SILVANA GUIMARÃES FERREIRA

Bacharel em Direito Especialização em Gestão Empresarial e Gestão de Projetos; Consultora Empresarial e Coordenadora de Projetos Empresária; Palestrante (área Desenvolvimento Pessoal / Atendimento e Vendas / Relações Comportamentais)

Sociologia

A Fundação da Sociologia e o Contexto Histórico-Social e Intelectual

A criação da Sociologia pode ser inserida entre os grandes eventos ocorridos no século 19. Ela mudou profundamente o modo do homem entender o mundo e a si próprio. O homem descobriu-se definitivamente como um ser cuja essência é a sua sociabilidade permanente.

Obviamente as ações humanas fundamentais têm sempre o sentido da reprodução da vida. O que a Sociologia nos permitiu perceber é que não há possibilidade de que a reprodução possa ser um ato individual. A vida humana desenvolve-se numa estrutura espaçotemporal que passamos a chamar de sociedade.

Os sociólogos logo descobriram que desenvolver uma “ciência da sociedade” é uma tarefa extremamente difícil e complexa. Uma pergunta repetida até hoje é se a Sociologia pode ser concebida como uma ciência com o mesmo caráter das ciências físicas e naturais.

Respostas diferentes foram dadas a essa questão pelos autores que fundaram as três grandes teorias da sociedade: Comte e Durkheim, Marx e Engels e Weber. Por isso, conhecê-los é uma tarefa urgente para quem quiser tornar-se um sociólogo.

Leia com atenção a opinião de Peter Berger sobre a relação do sociólogo com a sociedade e com o seu objeto de estudo:

O fascínio da sociologia está no fato de que sua perspectiva nos leva a ver sob nova luz o próprio mundo em que vivemos. Isto também constitui uma transformação da consciência. Além disso, essa transformação é mais relevante, do ponto de vista existencial, que a de muitas outras disciplinas intelectuais, porque é mais difícil de segregar em algum compartimento especial do espírito.

O astrônomo não vive nas galáxias distantes e, fora de seu laboratório, o físico nuclear pode comer, rir, amar e votar sem pensar em partículas atômicas. O geólogo só examina rochas em momentos apropriados e o lingüista conversa com sua mulher na linguagem de todo o mundo. O sociólogo, porém, vive na sociedade, tanto em seu trabalho como fora dele. Sua própria vida, inevitavelmente, converte-se em parte de seu campo de estudo. Em vista da natureza humana ser o que é, os sociólogos também conseguem estabelecer uma separação entre sua atividade profissional e sua vida pessoal em sociedade. Mas é uma façanha um tanto difícil de ser realizada em boa fé (Berger, 1980, p. 31).

O sociólogo é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto do conhecimento sociológico. Ele sofreu ao longo da sua vida um processo de socialização como qualquer outra pessoa, incorporando valores, conceitos e habilidades, além de

ocupar lugares sociais determinados. Em resumo: ele faz parte do seu objeto de estudo, de modo que quando um sociólogo emite uma opinião sobre a sociedade ele também está falando de si próprio.

Mais adequado seria considerarmos que a Sociologia é uma ciência com um caráter específico, que não pode ser reduzida às ciências naturais. Esse debate esteve presente ao longo de todo o processo de desenvolvimento da Sociologia. E nada indica que ele tenha sido superado. Atualmente tem se levantado, com bastante frequência, a tese de que se há um paradigma científico este deve ter como referência às Ciências Sociais, pois mesmo os conhecimentos sobre a natureza são conhecimentos sociais. Tome como exemplo a seguinte questão: por que uma instituição de pesquisa via de regra financia um projeto de pesquisa sobre transgênicos e não sobre agroecologia?

A Sociologia nasceu num contexto de afirmação da modernidade, em que a sociedade industrial capitalista, organizada territorialmente em economias nacionais, cuja unidade e soberania de cada território é determinada por um poder político e ideológico igualmente nacional. Todas as teorias sociológicas foram teorias elaboradas sobre essa sociedade, porém não são apenas teorias equidistantes dos problemas que querem explicar: constituem, aberta ou veladamente, propostas de ação. Por isso, não é surpreendente que Auguste Comte tenha fundado, a partir do positivismo, que estudaremos mais adiante, uma religião da humanidade, e Marx e Engels tenham atuado decisivamente na criação do primeiro partido político moderno.

A Sociologia constitui a base e o fundamento das Ciências Sociais contemporâneas, como a Antropologia, a Ciência Política, a Economia, a Geografia, a História, o Serviço Social, a Comunicação Social, etc. Foi por meio da Sociologia que a pesquisa de temáticas diversas foi possível, estabelecendo várias especialidades: rural, urbana, do trabalho, de Direito, da religião, da cultura, da política, da economia, etc. O desenvolvimento da divisão do trabalho científico, contudo, estabeleceu uma outra divisão, compondo o que hoje denominamos de Ciências Sociais particulares. Além da Sociologia, também a Antropologia, a Ciência Política, a Economia, a Geografia, a História, o Serviço Social, a Comunicação Social, etc. fazem parte desse campo teórico.

Mesmo que cada ciência tenha um campo particular, elas possuem uma identidade e um fundamento comuns: a existência social do homem. Como Ciências Sociais precisam enfrentar os mesmos problemas metodológicos que caracterizaram a história da Sociologia.

Estamos vivendo uma nova era de transição social: a sociedade industrial nacional – tanto na sua versão capitalista como socialista – está sendo substituída por uma outra sociedade, que provisoriamente vamos designar como informacional global. Esta nova sociedade é um produto do desenvolvimento do capitalismo, pois foi o “mundo do capital” que acumulou forças produtivas capazes de gerar uma nova evolução industrial (ou informacional). Tudo indica que está em desenvolvimento uma nova e prolongada fase de reprodução capitalista.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Básica – PEB – Nível I Grau A - Sociologia

Nas últimas décadas, duas idéias tomaram conta da intelectualidade mundial. De um lado, a afirmação taxativa do fim das ideologias e da história como expressão do domínio definitivo da economia de mercado e do Estado liberal democrático.

De outro, a idéia de crise do paradigma científico da modernidade que atingiu em cheio a Sociologia e as Ciências Sociais. É claro que não se pode separar a crise das Ciências Sociais da atual situação de transformação social.

Um desdobramento da crise das Ciências Sociais revela-se na alternativa: reconstrução da modernidade ou pós-modernidade?

A modernidade esgotou suas promessas de emancipação do homem de tal modo que a saída está na desconstrução das instituições da modernidade, ou ainda é possível reconstruir o projeto da modernidade mediante uma revisão profunda dos seus pressupostos? A primeira alternativa marginaliza a Sociologia e as Ciências Sociais; a segunda exige uma transformação paradigmática das mesmas, a começar pela crítica ao trabalho, categoria central da sociabilidade humana. A reconstrução requer uma nova concepção de conhecimento fundada na “virada lingüística”: razão e verdade constituem-se nas relações intersubjetivas protagonizadas pelo diálogo entre sujeitos lingüisticamente competentes. Nesse sentido, trabalho ou linguagem transforma-se numa questão central para as Ciências Sociais atualmente.

A crise da Sociologia pode ser entendida também como o descompasso entre a sua capacidade explicativa e a nova realidade social. Aprendemos que as categorias de análise sociológica são realidades históricas. Por exemplo, o sistema de classes – burgueses e proletários – típico do capitalismo industrial é adequado para explicar as relações de classe do capitalismo globalizado? Podemos inclusive por em dúvida a existência de classes sociais. Por isso, fazer um balanço crítico das conquistas e das fragilidades da Sociologia, inclusive os impasses epistemológicos, é uma postura mais adequada do que afirmar que ela é uma ciência em extinção. Octavio Ianni (1997, p. 16), um dos mais eminentes sociólogos brasileiros, afirma que

o objeto da sociologia desenvolve-se continuamente, tornando-se muitas vezes mais complexo e provocando a recriação das suas configurações conhecidas. Em lugar de manter-se semelhante, modifica-se todo o tempo. Além de que se aperfeiçoam continuamente os recursos metodológicos e teóricos da sociologia, o que permite aprimorar os modos de refletir sobre a realidade social, e é inegável que esta realidade transfigura-se de tempos em tempos, ou continuamente.

Nesse sentido é que a sociologia ingressou na época do globalismo.

O seu campo de estudos apresenta relações, processos e estruturas novos, não só desconhecidos, mas surpreendentes. Simultaneamente, as novas relações, os novos processos e as novas estruturas de dominação e apropriação, envolvendo integração e fragmentação, tensões e antagonismos, recriam as relações, processos e estruturas conhecidos. Isto significa que o globalismo confere novos significados às realidades locais, nacionais e regionais, ao norte e ao sul, orientais e ocidentais.

Por isso, ser sociólogo é aceitar o desafio de fazer uma ciência em que não é permitido descuidar-se dos destinos da humanidade. Mais uma vez vamos nos valer de uma afirmação de Peter Berger (1980, p. 34):

a perspectiva sociológica mais se assemelha a um demônio que possui uma pessoa, que a compele, repetidamente, às questões que são só suas. Por conseguinte, um convite à sociologia é um convite a um tipo de paixão muito especial. Não existe paixão sem perigos.

O QUE É SOCIOLOGIA

Todos os dias as pessoas, em qualquer parte do mundo, realizam atos bastante simples, necessários à vida: consomem alimentos, cultivam a terra, vão e voltam do trabalho, levam os filhos à escola, conversam com os amigos, fazem exercícios físicos, enfrentam o trânsito caótico das metrópoles, a vida calma das pequenas cidades. São atos tão rotineiros que na maioria das vezes são executados de forma mecânica, como se não tivessem consciência de que os estão realizando.

Por um momento apenas vamos nos colocar como observadores de tais cenas cotidianas.

Pode ser que a nossa reação fosse de simples registro das pessoas e dos seus atos. Assim, não perceberíamos nada de diferente no mundo dos homens. Pode ser, contudo, que por alguma razão nos motivássemos a ir além da percepção mais imediata das pessoas e dos seus atos. Por exemplo, perceber que embora os atos realizados sejam semelhantes – ir ao trabalho – as pessoas que os realizam são diferentes; ou, ao contrário, que pessoas semelhantes realizam trabalhos diferentes.

A partir dessa questão inicial pode-se ir além: perguntar o que faz as pessoas serem diferentes ou porque existem trabalhos diferentes. Mais ainda:

- As pessoas vão para o trabalho utilizando-se de transporte coletivo ou individual;
- Elas estão vestidas de terno e gravata ou um simples macacão.

– Se uma pessoa vai ao trabalho de automóvel e usa terno e gravata podemos ter alguma idéia da sua renda e assim relacionar o tipo de escola que os seus filhos frequentam, diferentemente da pessoa que veste um macacão e se utiliza de transporte coletivo.

A segunda postura, que vai além do simples registro dos atos observados, indica uma forma de pensar que pode ser identificada como sociológica. Pensar sociologicamente significa olhar os fatos humanos considerando as relações que eles mantêm entre si. Essas relações não são visíveis a um simples olhar; elas só podem ser vistas por meio de um olhar conduzido por regras determinadas.

Vamos desenvolver mais um exemplo: o ato de comer um pedaço de pão. Pode ser um ato simples de uma pessoa que precisa saciar a fome. Se avançarmos, porém, na busca das relações envolvidas nesse ato, a conclusão será surpreendente. A primeira questão para construir a relação da pessoa com a coisa (pão) pode ser colocada pela pergunta sobre quem é a pessoa? A resposta pode ser:

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Básica – PEB – Nível I Grau A - Sociologia

trabalhador, empresário, cristão, muçulmano, universitário, analfabeto, entre outras. As pessoas são diferentes pelo lugar que ocupam no processo de trabalho, pela identidade (visão de mundo), pelo grau de educação, etc.

Se o pão é um produto do trabalho humano, podemos perguntar como ocorre a sua produção: é um processo artesanal ou industrial? No primeiro caso pode ser feito por um trabalhador autônomo; no segundo, por um trabalhador assalariado de um empresário capitalista.

A matéria-prima – a farinha – é produzida em pequenos moinhos, pelas cooperativas ou por grandes empresas capitalistas globalizadas? E o trigo ou o milho? Qual o processo técnico adotado? Ele produz destruição do meio ambiente? As tecnologias empregadas na produção envolvem relações entre países? Em que período histórico elas ocorrem: na era do globalismo?

Há outras possibilidades, no entanto: se o ato de comer um pedaço de pão tem um sentido simbólico (um ato religioso, por exemplo). Pela observação e análise deste ato poderíamos avaliar as ideologias presentes na sociedade e o papel desempenhado por elas na reprodução da vida social. Atualmente muitos sociólogos insistem em que devemos considerar a identidade como categoria fundamental para explicarmos os comportamentos humanos.

Uma análise mais cuidadosa, contudo, evidencia que a Sociologia nunca negligenciou esse aspecto. A diferença é que hoje, em razão da revolução informacional e da globalização, a identidade gerada tanto pelo trabalho quanto pela Nação, por exemplo, estão sofrendo um processo profundo de desconstrução. Nesse sentido, a busca de uma identidade é um objetivo fundamental dos seres humanos no momento atual.

Enfim, podemos a partir de um ato simples estabelecer o conjunto de relações sociais que estão contidas na pessoa e no pão. Como se pode depreender do exemplo, as relações econômicas, políticas e ideológicas de uma determinada época histórica estão contidas em todos os atos humanos. Esta é a primeira manifestação da natureza do pensamento sociológico: a perspectiva da totalidade. As ações humanas não têm condições de existir isoladamente. Sempre que alguém realiza uma ação ela repercute sobre outros. Se ela aparentemente se dirige para apanhar uma fruta silvestre, por exemplo, este ato está carregado de um significado universal na medida em que incorpora, de alguma forma, práticas humanas anteriores. Uma ação individual não existe fora da sociedade ou, dito de outra forma, a sociedade existe em cada ação singular.

A reflexão feita até agora nos permite expor uma outra característica da *Sociologia: a existência da sociedade*. A criação da Sociologia deu visibilidade à dimensão social da condição humana, portanto permitiu compreender o homem como ser social.

O homem existe como ser social e não como um indivíduo que existe em si e para si. As implicações deste fato são óbvias: os atos de cada indivíduo singular repercutem nos demais indivíduos, cada ação realizada por um indivíduo implica em sua responsabilidade social por aquilo que foi feito. A sociedade se torna, assim, o palco fundamental das ações humanas.

A Sociologia possibilita a compreensão das ações humanas como ações sociais, bem como as interações entre as diferentes ações humanas. Uma mesma pessoa pode agir como ser-que-trabalha (que faz o pão do nosso exemplo), como um ser-cidadão (membro de uma comunidade política), como um ser-que-produz-ideias (membro da comunidade científica, por exemplo). Podemos fazer a seguinte pergunta: essas dimensões têm a mesma importância na constituição do ser social ou há dimensões condicionantes das demais? O desenvolvimento da Sociologia demonstrou que essa pergunta comporta diferentes respostas, que determinaram a formação de diferentes teorias sociológicas.

Antes de aprofundarmos a problemática das teorias sociológicas cabe ainda a explicitação do papel mais profundo da Sociologia: *o autoconhecimento (ou autoconsciência) da sociedade*.

A criação da Sociologia, ao mesmo tempo que permitiu afirmar o caráter social da condição humana, constituiu-se como um conhecimento da sociedade que incide sobre ela, exercendo uma ação decisiva na reprodução da sociedade, no sentido da conservação ou da transformação das relações sociais vigentes.

Obviamente, antes da criação da Sociologia havia outras formas de pensamento social, como é o caso do contratualismo.

A diferença fundamental é que o contratualismo parte do homem como ser natural (o animal racional) que pode estabelecer um pacto (contrato) entre todos, criando assim a sociedade civil ou sociedade política, enquanto para a Sociologia, como vimos anteriormente, o ser natural já é um ser social, portanto a sociedade existe independentemente do contrato.

Também a Sociologia é um *ato social* porque os conceitos elaborados não serão conhecidos e empregados apenas pelo sociólogo.

O grande sociólogo brasileiro Florestan Fernandes denominou esse fenômeno de "a natureza sociológica da Sociologia".

Esses conceitos serão, de alguma forma, disseminados para o conjunto da sociedade, tendo mais ou menos influência social.

Mais adiante vamos nos referir aos autores que fundaram a Sociologia e por isso os denominamos de "clássicos". Muitos outros, no entanto, escreveram sobre a sociedade, elaborando idéias até mesmo originais, mas que não foram apropriadas pela sociedade como as idéias dos "clássicos". Poderíamos formular a seguinte hipótese: além da profundidade da análise social feita pelos "clássicos", ela foi apropriada pelas classes fundamentais da sociedade porque sistematizava os interesses das classes de forma mais coerente.

A Sociologia constituiu-se como um saber produzido segundo o método científico. A maneira como fizemos a exposição do nosso exemplo indica como o saber sociológico se constrói. A observação regulada das ações humanas é o modo de proceder à construção conceitual da realidade social. A racionalidade considerada abstratamente não é capaz de produzir um saber sociológico. A tarefa do sociólogo é pesquisar a realidade como ela é.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Básica – PEB – Nível I Grau A - Sociologia

Esse saber científico (a ciência da sociedade), entretanto, produz conhecimentos que mostram uma certa singularidade. Por que falamos em teorias sociológicas e não em uma teoria sociológica, como ocorre na Física, na Química e na Biologia? Após intensos debates percebemos que qualquer ciência é uma força social ativa, é um poder criado pelo homem. A ciência refere-se sempre ao ser, mas não podemos eliminar o vir-a-ser (o futuro). Quando fazemos uma afirmação sobre o ser, nesta afirmação já estão contidas as possibilidades do vir-a-ser. Esse dilema é real, dele não podemos fugir. No caso da Sociologia, o problema se amplia, pois os conhecimentos produzidos sobre a sociedade envolvem necessariamente pontos de vista diferentes, que, ao longo da História recente, fundamentaram projetos de sociedade, cuja expressão mais radical são os movimentos políticos.

Todo o conhecimento é um ato de criação da realidade investigada no pensamento e como objetividade. O que isso significa?

Que a investigação sociológica não se esgota na compreensão da realidade vivida pelos homens; ela também deve permitir ao homem projetar-se, presentificar o futuro. O que a Sociologia não pode é aventurar-se exclusivamente na pesquisa do dever-ser, como procederam os pensadores da Utopia e da Cidade do Sol. A investigação bem-sucedida, no entanto, exige do observador da vida social uma grande capacidade de imaginação, como condição para ultrapassar o mundo das aparências.

Por isso, quando nos referimos à imaginação sociológica (conceito criado pelo sociólogo norte-americano C. Wright Mills), temos de explicitar bem o sentido do termo. Imaginação para o sociólogo não é o ato de abstrair-se da realidade, mas de inserir-se tão profundamente quanto possível na realidade. Promover a separação entre a consciência e a realidade social é um equívoco metodológico, assim como negar que a dimensão criadora do homem se expressa por meio da consciência.

Assim sendo, a imaginação sociológica consiste na postura intelectual em que se busca compreender o contexto social mais amplo e como ele é apreendido pelos indivíduos concretos, tendo sempre presente a necessidade de separar as dimensões essenciais das não essenciais da vida social. Para Wright Mills (1975, p. 12), a imaginação sociológica afirma *a idéia de que o indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período; só pode conhecer suas possibilidades na vida tornando-se cômico das possibilidades de todas as pessoas nas mesmas circunstâncias em que ele.*

Sob muitos aspectos, é uma lição terrível; sob muitos outros, magnífica. Não conhecemos os limites da capacidade que tem o homem de realizar esforços supremos ou degradar-se voluntariamente, de agonia ou exultação, de brutalidade que traz prazer ou de deleite da razão. Mas em nossa época chegamos a saber que os limites da "natureza humana" são assustadoramente amplos. Chegamos a saber que todo o indivíduo vive, de uma geração até a seguinte, numa determinada sociedade; que vive uma biografia, que

vive dentro de uma seqüência histórica. E, pelo fato de viver, contribui, por menos que seja, para o condicionamento dessa sociedade e para o curso de sua história, ao mesmo tempo em que é condicionado pela sociedade e pelo seu processo histórico.

O sociólogo está proibido de moldar a realidade aos conceitos, como se estes fossem a própria verdade. Ele deve ser capaz de deixar-se surpreender pela realidade investigada. Ser sociólogo é exercitar permanentemente a liberdade de investigação, que não se resume a fazer o que se quer ou a escolher entre alternativas; é também o exercício de refazer as escolhas, reavaliar o caminho percorrido e assumir os erros cometidos. Enfim, ser sociólogo é permitir ser assaltado pela dúvida.¹

I - AS CIÊNCIAS SOCIAIS: SENSO COMUM E CIÊNCIA, O OBJETO DE ESTUDO DA SOCIOLOGIA, A DIVISÃO ENTRE AS CIÊNCIAS SOCIAIS.

Ciência e senso comum

O conhecimento científico moderno é uma conquista recente da humanidade, pois foi instituído na nossa sociedade há apenas algumas centenas de anos atrás. Já o senso comum (o conhecimento vulgar) é algo bem mais antigo; vêm dos primeiros grupos sociais da Antiguidade.

No início, a ciência moderna era exercida contra o senso comum, e depois passou a ser praticada através dele.

Todo exercício da ciência parte de algum conhecimento vulgar, mas, como todo conhecimento vulgar é findável, cabe ao meio científico a exclusiva responsabilidade de ultrapassar os limites do saber, uma causa de extrema importância que o senso comum não compartilha.

Usa-se a ciência muito mais para apoiar o senso comum do que o contrário.

Ao ouvirmos a frase "use o bom senso", normalmente usamos senso comum para pensar ou agir. Mas, por exemplo, quando lemos a frase "estudos mostram que...", geralmente somos mais resistentes e céticos, pois preferimos não acreditar no fato de que conhecimentos científicos podem contradizer aquilo que o senso comum nos diz.

O senso comum é visto como um importante roteiro de ações, mas a real importância disso não é facilitar a apreensão de conhecimento útil, e sim gerar insights valiosos para que a ciência sim possa capacitar o saber.

A ciência busca, por meio de sua ênfase na pesquisa, o debate e crítica de opiniões para afastar-se o máximo possível do senso comum, porém, sem nunca perdê-lo de vista. Dessa forma, o que diferencia o senso comum da ciência é basicamente o rigor.

¹ Fonte: www.bibliodigital.unijui.edu.br – Por Suimar João Bressan

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Básica – PEB – Nível I Grau A - Sociologia

Em 1854, o escritor inglês Aldous Huxley escreveu:

“A ciência é, acredito, nada mais que o treinado e organizado senso comum, diferindo deste apenas como um veterano pode ser distinguido de um recruta.”

A linha de argumento de Huxley é a seguinte: não importa quanto um conhecimento científico possa ser incontestável, basta a menor experiência sobre algo para pôr em cheque conclusões baseadas na ciência.

De fato, é muito mais fácil receber e emitir opiniões sem saber por que e o que significam. É muito mais fácil ser acrítico e conceber informações sem precisar atestar sua veracidade. É muito mais fácil julgar sem provar, e também é muito mais fácil ser condescendente quando corremos o “risco” de sermos contrariados.

É claro, a ciência também trabalha com conhecimentos parciais e provisórios, só que, diferentemente do senso comum, o meio científico não considera um conhecimento como definitivo.

A ciência tem olhar cíclico, o senso comum assume perspectiva linear. A ciência é aberta a uma hipótese, o senso comum desconsidera o benefício da dúvida. A ciência promove senso crítico, o senso comum preza o conservadorismo de intelecto. A ciência gosta de confrontar, o senso comum gosta de concordar. A ciência gosta de debates e questionamentos, mas o senso comum é preso a delimitações.

Enquanto o senso comum é fragmentado, precário, preso a preconceitos e tradições conservadoras, a ciência preocupa-se em provocar a verdade não sobre, mas além da realidade. A ciência produz conhecimento a partir da razão; o senso comum corrobora essa razão.

Por ser de extrema utilidade no dia-a-dia, devemos sempre considerar o senso comum, mas nunca superestimá-lo.

Devido ao forte apelo popular, o senso comum costuma gritar mais alto que a ciência, apesar de, ironicamente, muitas pessoas usarem (ou adaptarem) conhecimentos científicos a fim de defenderem argumentos que para elas são tão óbvios, mas que na prática não se mostram assim.

Sociologia e senso comum

A Sociologia costuma ter uma relação conturbada com o senso comum.

Muitas vezes, o senso comum acaba sendo uma poeira que encobre a visão. Como ciência que busca entender melhor as relações sociais, a Sociologia não pode (e nem deve) confiar em observações deturpadas.

A proposta aqui não é julgar o senso comum como sendo uma forma totalmente errônea de enxergar fenômenos sociais, mas limitada. A intenção é expor que esse modo de analisar as relações humanas não é suficiente para compreendê-las.

Embora seja rico e até interessante, o senso comum não se aprofunda à raiz dos fenômenos; não apresenta necessariamente uma explicação racional para a realidade do meio. Não vai tão longe.

Pela lei do mínimo esforço, acostumamo-nos a compreensões de mundo específicas e não mais as questionamos; tornamo-nos conformistas. Para combater isso, o pensar sociológico pode ajudar.

Existem incontáveis exemplos de senso comum. É recorrente ouvirmos que “bandido bom é bandido morto”, “só lê quem é culto”, “a redução da maioria penal é a solução para a violência”, “casamento de verdade é entre homem e mulher”.

Outro exemplo é o suicídio. O senso comum diz que o suicídio é um ato individual, impulsivo e egoísta, o que não é de todo verificável. Na obra *O Suicídio*, o sociólogo francês Emile Durkheim afirma que o suicídio não é uma atitude isolada de um indivíduo, e sim uma consequência situacional da sociedade que o cerca, ou seja, as causas do suicídio são sempre sociais (uma teoria que vai na contra-mão do senso comum).

É importante ressaltar que o senso comum é uma forma válida de conhecimento, pois realmente precisamos dele para suprir necessidades do dia-a-dia. Contudo, o senso comum se baseia demais na experiência coletiva das massas, o que nos leva a acreditar em muitas falcatruas.

H.L. Mencken, escritor underground americano, uma vez afirmou:

“Somos persuadidos a aceitar ou rejeitar as coisas com base no suposto senso comum. Olhe para fora, pense nas palavras “obviamente” e “naturalmente”, e você verá que há soluções tão bem conhecidas para cada problema humano – puro, plausível, e errado.”

O mito do senso comum

Duncan Watts é um sociólogo canadense, pesquisador social na Universidade de Columbia (EUA), professor de Sociologia nos institutos Santa Fe e Nuffield (Inglaterra) e principal cientista da Yahoo! Research.

Em seu provocante livro *Tudo é Óbvio: Desde Que Você Saiba a Resposta*, ele mostra como decisões baseadas no senso comum enganam nossos julgamentos, e como explicações que damos para acontecimentos do dia-a-dia, que nos parece tão óbvias, são bem menos confiáveis do que supomos.

De acordo com sua definição:

“O senso comum não é tanto uma visão de mundo quanto é um saco de crenças logicamente inconsistentes, por vezes contraditórias, cada qual parecendo apropriada em um momento, mas sem garantias de que estará certa em qualquer outro instante.”

Duncan começa o livro com algumas reflexões:

Por que o Facebook é um sucesso enquanto outras redes sociais fracassam? O conflito no Iraque ajudou mesmo a diminuir os índices de violência naquele país? Qual a verdadeira importância de CEO's nas grandes empresas? Oferecer salários mais altos significa garantir funcionários mais comprometidos com o trabalho? A Mona Lisa é a obra de arte mais famosa do mundo, mas isso é mérito de seus atributos intrínsecos, ou devido às circunstâncias históricas?

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Básica – PEB – Nível I Grau A - Sociologia

Associando recentes pesquisas a diversos exemplos históricos e contemporâneos, Duncan prova como o senso comum nos faz falsamente crer que compreendemos mais sobre o comportamento humano do que de fato acontece. Ele mostra por que as tentativas de prever, gerenciar ou manipular sistemas sociais, políticos e econômicos costumam dar errado.

Duncan faz com que questionemos os nossos instintos sobre como as coisas funcionam. Para isso, ele diz, o primeiro passo é desaprender tudo sobre aquilo que queremos elucidar.

Duncan nos alerta que não importa quanto tentemos, o comportamento humano é suficientemente complicado e imprevisível para nos livrarmos da incerteza pelo senso comum.

Por mais que possamos entender bem cada uma das partes, isso não significa que adquirimos uma compreensão completa do todo.

“Por que perdemos a convicção de nossos argumentos simplesmente quando fazemos parte de um grupo que os rejeita, ou, por que confirmamos uma atitude ou um pensamento, com essa mesma convicção, quando a aceitação de todos se faz presente?”

O fato de que o que é evidente por si só para uma pessoa possa parecer idiota para outra ativa a oportunidade de se duvidar sobre a confiabilidade do senso comum como base para compreender o mundo.

É claro, podemos sempre tachar essas pessoas de loucas ou ignorantes, ou coisa do tipo, e assim dizer que elas não são dignas da nossa atenção. Mas, quando entramos nesse caminho, comenta Duncan, fica cada vez mais difícil justificar as razões de nós mesmos acreditarmos no que fazemos.

“Temos a impressão de que nossas crenças particulares são todas derivadas de alguma filosofia abrangente, mas a realidade é que chegamos a elas mais ou menos de forma independente, e na maioria das vezes, de forma desorganizada.”

Com esse livro, Duncan faz com que repensemos os aparentes benefícios da lógica do senso comum. Só pela compreensão de como e quando o senso comum falha, ele argumenta, podemos melhorar a forma como percebemos o presente e planejamos o futuro.

Em um mundo como esse, podemos realmente usar o bom senso como guia? Não. De acordo com Duncan Watts, o que precisamos é de um tipo de senso incomum.²

O objeto de estudo da sociologia

A sociologia

Fatos sociais: externalidade e coercitividade

Os fatos sociais são o objeto de estudo da sociologia, segundo Durkheim. Os fenômenos que o autor denomina fatos sociais são: “toda maneira de agir ou pensar fixa ou não, capaz de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior, apresentando uma existência própria independente das manifestações individuais que possa ter” (Durkheim, 1991: 1).

Dizemos que são externos porque são fatos coletivos, como a religião ou o sistema econômico, por exemplo, independentes dos indivíduos, que já os encontram prontos quando nascem e que morrerão antes que esses deixem de existir. Ou seja, existem fora dos indivíduos e são internalizados através do processo de socialização.

Essas maneiras de agir e pensar são, além de externas, capazes, pelo seu poder coercitivo, de obrigar um indivíduo a adotar um comportamento qualquer. A coerção pode se manifestar direta ou indiretamente.

É direta, por exemplo, quando o professor estabelece seus critérios de avaliação, aos quais o aluno é coagido a se adaptar para se sair bem na prova. Mas é indireta quando um empresário passa a utilizar computadores para administrar os seus negócios, pois ele faz isso pressionado pela concorrência, embora não exista nenhuma lei que o obrigue explicitamente.

A coerção pode também ser formal ou informal. É formal, como o próprio nome já diz, quando a obrigação e a punição pela transgressão estão estabelecidas formalmente. O Código Penal, por exemplo, apresenta um grande número de coerções formais para diversos atos predefinidos.

É informal quando é exercida espontaneamente pelas pessoas no seu dia a dia. Quando, por exemplo, uma pessoa chama a atenção de outra por tentar “furar” uma fila.

Finalmente, a coerção pode estar oculta. A pessoa que cumpre de bom grado e com satisfação as suas obrigações sociais não sente o peso da coerção sobre o seu comportamento. Uma pessoa que gosta de sua profissão, por exemplo, geralmente cumpre seus deveres com prazer, sem a necessidade de imposições. Mas a coerção nunca deixa de existir. Está sempre à espreita.

Fatos sociais: fixos e não-fixos

Quando se diz que são fatos sociais fixos ou não-fixos significa que podem se apresentar de duas maneiras diferentes: como maneiras de agir ou como maneiras de ser.

As maneiras de agir são formas de agir e pensar coletivas, que determinam o comportamento dos indivíduos, que os obrigam a agir de uma determinada forma, mas não têm uma longa duração no tempo, ou seja, são efêmeras e instáveis.

Um linchamento seria um bom exemplo desse tipo de fenômeno, se considerarmos que, na maioria das vezes, os participantes, individualmente, não seriam capazes de praticar tal ato. É o grupo, a coletividade, pela sua capacidade de coerção, que os leva a agir de uma determinada maneira em um dado momento.

As maneiras de ser também são fenômenos de ordem coletiva que determinam o comportamento dos indivíduos, mas nesse caso há uma durabilidade no tempo, uma permanência ou estabilidade.

Um sistema religioso ou econômico estabelecido pode ser um bom exemplo desse tipo de fato social. Os dogmas de uma religião, que não foram criados por nenhum dos fiéis, se impõem de maneira estável e contínua no tempo, coagindo as pessoas a os aceitarem.

2 Fonte: <http://www.laparola.com.br> – Por Eduardo Ruano

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Básica – PEB – Nível I Grau A - Sociologia

Há uma relação importante entre esses dois tipos de fenômenos. Muitas vezes um movimento social se inicia como maneira de agir e pode vir a se fixar e estabelecer (se institucionalizar) e daí se tornar uma maneira de ser.

Por exemplo, um movimento religioso de caráter momentâneo (um grupo de pessoas que se reúne para ouvir um líder carismático, por exemplo) pode vir a se estabelecer como uma nova religião organizada, estável e permanente.

Teríamos bons exemplos também no caso da “língua” que falamos. A língua portuguesa, em sua versão formal, apresenta uma série de padrões e regras fixos, estáveis e, até mesmo, codificados. Nesse aspecto, seria uma “maneira de ser”.

Por outro lado, a língua usada no dia-a-dia é viva e está em constante processo de transformação. Novas palavras, gírias, novas sintaxes, novas formas verbais surgem o tempo todo. Nesse aspecto, a língua estaria recheada de “maneiras de agir” passageiras e efêmeras.

É interessante observar que muitas dessas, digamos, “maneiras de agir linguísticas” se transformam em “maneiras de ser” à medida em que vão sendo incorporadas à língua padrão, à gramática e ao dicionário. Basta lembrar da história da forma de tratamento “vossa mercê”, que se transformou em *vosmecê*, depois em *ocê* (já incorporado) e que hoje, pelo menos em alguns lugares, é “*cê*”.³

Em resumo,

De acordo com Durkheim, temos a definição de que fato social enquanto maneiras de agir, pensar e sentir que apresentam três características peculiares: são gerais na sociedade, são exteriores aos indivíduos e são dotados de poder de coerção. Vejamos o que cada característica dessa representa:

1) Generalidade: os fatos sociais não são ações individuais, mas se apresentam de maneira generalizada na sociedade. Ou seja, não é a manifestação de um indivíduo, mas da coletividade.

2) Exterioridade: eles não nascem com os indivíduos, como os fatores biológicos. Na verdade, eles já existem antes mesmo do nosso nascimento e são aprendidos durante a nossa existência. Em muitos casos, essa aprendizagem e adesão aos fatos sociais ocorrem independentemente de nossa vontade. Sendo assim, fazem parte da consciência coletiva de uma sociedade, e não de nossa consciência individual. Estão para além dos indivíduos particulares.

3) Coercitividade: como não nasce com o indivíduo e não faz parte de sua consciência individual, o fato social só pode se estabelecer através da coerção. Ele é imposto a nós de tal modo que nos conformamos com as regras existentes em nossa sociedade como se elas fossem naturais e existissem desde sempre. Na maioria dos casos, enxergamos os fatos sociais enquanto eventos naturais, mas na verdade eles são criações da sociedade impostas às consciências individuais. Quando resolvemos ir contra um fato social, é certo que seremos punidos.⁴

3 Fonte: www.professoramarisagemea.blogspot.com.br

4 Fonte: www.klickeducacao.com.br

A divisão entre as ciências sociais.

O comportamento humano é muito complexo e diversificado. Cada indivíduo recebe influências de seu meio, forma-se de determinada maneira e age no contexto social de acordo com sua formação. O indivíduo aprende com o meio, mas também pode transformá-lo em sua ação social.

Há comportamentos estritamente individuais - como andar, respirar, dormir - que se originam na pessoa enquanto organismo biológico. São comportamentos estudados pelas Ciências Físicas e Biológicas. Por outro lado, receber salário, fazer greve, participar de reuniões, assistir aulas, casar-se, educar os filhos são comportamentos sociais, pois se desenvolvem no contexto da sociedade.

Ao longo da História, a espécie humana tem organizado sua vida de forma grupal. As Ciências Sociais pesquisam e estudam o comportamento social humano e suas várias formas de manifestação.

Entender a sociedade em que vivemos:

Pode-se dizer que as Ciências Sociais caracterizam-se pelo estudo sistemático do comportamento social do ser humano. Dessa forma, o *objeto* das Ciências Sociais é o ser humano em suas relações sociais.

Ao mesmo tempo, as Ciências Sociais tem por objetivo ampliar o conhecimento sobre o ser humano em suas interações sociais e estudar a ação social em suas diversas dimensões. Ao realizar esse objetivo, as Ciências Sociais contribuem para um melhor entendimento da sociedade em que vivemos, fornecendo instrumentos que podem ajudar a transformá-la.

Com o avanço do conhecimento da sociedade, tornou-se necessária a divisão das Ciências Sociais em diversas áreas de conhecimento, de modo a facilitar a sistematização dos estudos e das pesquisas.

Essa divisão abrange algumas disciplinas, com destaque para:

Sociologia – que estuda as relações sociais e as formas de associação, considerando as interações que ocorrem na vida em sociedade. A Sociologia envolve, portanto, o estudo dos grupos e dos fatos sociais, da divisão da sociedade em classes e camadas, da mobilidade social, dos processos de cooperação, competição e conflito na sociedade etc.

Em termos simples, a Sociologia é a **ciência que se debruça sobre a própria sociedade e todas as suas ramificações, componentes e integrantes**. Ela se dedica a compreender as formas de interação que temos uns com os outros, nossas organizações e os fenômenos sociais observados na realidade dos indivíduos.

O olhar sociológico traz-nos sempre uma nova perspectiva sobre situações que aparentemente são de natureza individual, mas que acabam por atingir uma gama muito maior de nossa realidade coletiva. Podemos tomar como exemplo a situação econômica dos indivíduos, que, em-

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Básica – PEB – Nível I Grau A - Sociologia

bora possa ser uma abordagem bastante particular, pode também ser observada por uma perspectiva mais abrangente, quando nos voltamos para a análise da situação econômica de todo um país. Isso significa abordar toda a cadeia social, as formas como nossa realidade econômica é afetada e as possíveis consequências desse fenômeno, como o acentuamento da desigualdade social e, possivelmente, o agravamento de outros problemas, como a violência, a fome e a precarização da educação.

Augusto Comte tornou-se conhecido como o autor responsável pelos primeiros esforços para delimitar o campo de estudos da Sociologia. Tendo sido profundamente influenciado pelos grandes acontecimentos de sua época, como o desenrolar da Revolução Francesa e a crescente Revolução Industrial, Comte ficou conhecido por sua obra fundamentada pela “filosofia positiva” ou, como é mais conhecida, positivismo.

Comte via o surgimento desses novos problemas e fenômenos como sintomas de uma doença a ser curada. Acreditava que os problemas sociais e as sociedades em geral deveriam ser estudados com o mesmo rigor científico em que as demais ciências naturais tratavam seus respectivos objetos de estudo. Assim, os fenômenos sociais deveriam ser observados da mesma forma que um biólogo observa os espécimes de seus estudos. Comte propunha uma ciência da sociedade capaz de explicar e compreender todos os fenômenos sociais da mesma forma que as ciências naturais buscavam interpelar seus objetos de estudo.

A abordagem da Sociologia, entretanto, mudou e continua mudando desde as primeiras idealizações de Comte. A visão de Comte em relação à abordagem estritamente empiricista não era suficiente para tratar de problemas de natureza mais subjetiva, mas que possuem efeitos diretos em nossa realidade. Isso, porém, não diminui a validade dos estudos sociológicos, apenas mostra a dimensão que os questionamentos sobre a nossa realidade acabam tomando.

Em outras palavras, a dinâmica em constante mudança que se apresenta na diversidade social de nossas realidades exige o eterno reinventar e a recorrente reavaliação do conhecimento sociológico. Portanto, a Sociologia é um grande esforço científico contínuo e ininterrupto na busca por entendermos nós mesmos.⁵

Economia – que tem por objeto as atividades humanas ligadas à produção, circulação, distribuição e consumo de bens e serviços. Portanto, são fenômenos estudados pela Economia a distribuição da renda num país, a política salarial, a produtividade de uma empresa etc.

Não diferentemente da Sociologia, da Ciência Política ou da Antropologia, a Economia é também uma ciência social, uma vez que seu objeto de estudo também é fruto da vida social. Mais especificamente, seu foco está em compreender como ocorrem as relações entre os indivíduos e as organizações na sociedade do ponto de vista da produção, da troca e do consumo de mercadorias, de serviços e

5 *Fonte: mundoeducacao.bol.uol.com.br*

de bens em geral. Assim, a Economia vai tratar do estudo da alocação dos recursos disponíveis pelos homens participantes de uma vida em sociedade, analisando como essa última administra esses mesmos recursos escassos.

Desemprego, inflação, déficit público, alterações nas taxas de juros, aportes financeiros dos Estados em tempos de crise, aumento de impostos, desvalorização da taxa de câmbio, entre tantas outras expressões, já fazem parte do nosso cotidiano e são de interesse da Economia enquanto ciência. Os grandes problemas sociais (a exclusão social de alguns países, a questão do meio ambiente, o atraso tecnológico, os índices de desemprego, a crise financeira) de nossa época estão atrelados a problemas de ordem econômica e, dessa forma, também são estudados por ela.

Os professores Carlos Roberto Martins Passos e Otto Nogami, na obra “Os Princípios de Economia” (2005), ensinam que essa ciência está dividida em duas áreas mais gerais, o que significa dizer que existem estudos de caráter macroeconômico e microeconômico. Segundo eles (PASSOS & NOGAMI, 2001, p. 70), “a teoria Microeconômica, ou microeconomia, preocupa-se em explicar o comportamento econômico das unidades individuais de decisão representadas pelos consumidores, firmas [empresas] e pelos proprietários de recursos produtivos [fatores de produção, insumos de forma geral]. Ela estuda a interação entre as firmas e consumidores e a maneira pela qual produção e preço são determinados em mercados específicos.” Ela se debruça sobre o estudo mais pormenorizado da ação e da relação econômica entre os chamados agentes econômicos: empresas, consumidores ou unidades familiares e o Estado. As empresas seriam responsáveis pela oferta dos produtos e serviços e objetivariam o lucro máximo. Dos consumidores ou das unidades familiares partiria a demanda pelos produtos e serviços, objetivando-se o melhor padrão para atendimento segundo seus desejos, isto é, a própria demanda. Já o Estado, responsável pela organização e regularização da sociedade – logo também da economia, em certos aspectos – poderia agir ao mesmo tempo como empresário e consumidor. Dessa interação entre tais agentes tem-se o mercado, sendo este o local ou o contexto em que compradores (que compõem o lado da procura) e vendedores (que compõem o lado da oferta) de bens, serviços ou recursos estabelecem contatos e realizam transações. Assim, é preciso considerar que o sistema econômico oferece limites para que tais agentes se realizem, isto é, alcancem seus objetivos. Esses limites consistem na escassez da oferta diante da demanda. Assim, a escassez significa que a sociedade tem recursos limitados e, portanto, não pode produzir todos os bens e serviços que as pessoas desejam ter. Nesse sentido, haja vista essa escassez, as decisões tomadas por cada indivíduo dentro da interação econômica vão determinar o preço de determinado produto. Logo, o conhecimento da Microeconomia é fundamental para entender e prever comportamentos, decisões e estratégias dos agentes. Cabe à microeconomia estudar como os agentes econômicos dentro do mercado (interagindo com este), sob determinado sistema de preços, diante das limitações (da escassez) de recursos para produção, tomam decisões.